



XX ENANCIB

21 a 25 Outubro/2019 – Florianópolis

A Ciência da Informação e a era da Ciência de Dados

ISSN 2177-3688

GT-10 – Informação e Memória

A INFORMAÇÃO POR MEIO DA TATUAGEM: construção social e atemporal

INFORMATION THROUGH TATTOO: social and timeless construction

Patrícia Reis M. Sales – Universidade Federal da Bahia

Zeny Duarte – Universidade Federal da Bahia

Modalidade: Trabalho Completo

Resumo: Apresentar-se-á resultado da dissertação de mestrado e seus desdobramentos, realizada no Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação (PPGCI), da Universidade Federal da Bahia (Ufba). Foi analisada a informação através da tatuagem e a percepção que os sujeitos tatuados têm a partir das enunciações de suas tatuagens. Partindo de uma abordagem qualitativa e descritiva em relação aos objetivos pretendidos, a pesquisa abordou o movimento da informação em uma sociedade totalmente dinâmica articulada com outros elementos informacionais que corroboram para a criação da tatuagem. Foi necessário um entendimento sobre informação, linguagem, imagem e tatuagem para compreensão desse registro considerado temporal. Para a coleta de dados, utilizou-se a entrevista junto a sujeitos tatuados da cidade de Salvador - Bahia. A análise do discurso teve o fito de averiguar as respostas e considerar a percepção que os sujeitos têm a partir das enunciações tatuadas em suas peles, como ditas anteriormente. A pesquisa constatou que a tatuagem demonstra ser um conjunto de informação proveniente de contextos vividos e sociais, uma obra de arte, e evidenciou, ainda, a existência do preconceito em torno dessa “arte em pele”. Dessa forma, a pesquisa teve como intenção ampliar o estudo do objeto informação para além de suportes convencionais e assim fortalecer a consolidação da Ciência da Informação.

Palavras-Chave: Informação; Tatuagem; Linguagem; Registro; Representação.

Abstract: It will be presented the result of the master's dissertation and its outcomes, developed in Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação (PPGCI), of the Universidade Federal da Bahia (Ufba). It was analyzed the information through the tattoo and the perception that the tattooed subjects have from the enunciations of their tattoos. Starting from a qualitative and descriptive approach in relation to the intended objectives, the research approached the information movement in a totally dynamic society articulated with other informational elements that corroborate the creation of the tattoo. It was necessary an understanding about information, language, image and tattoo to understand this register considered temporal. For data collection, we used the interview with tattooed subjects from the city of Salvador - Bahia. The discourse analysis had the purpose of verifying the answers and considering the perception that the subjects have from the utterances tattooed on their skin, as previously mentioned. The research found that the tattoo proves to be a set of information from living and social contexts, a work of art, and also evidenced the existence of prejudice around this “art in skin”. Thus, the research aimed to broaden the study of the information object beyond conventional supports and thus strengthen the consolidation of Information Science.

Keywords: Information; Tattoo; Language; Record; Representation.

1 INTRODUÇÃO

Como um componente ativo e significativo, a informação enquanto objeto de conhecimento possui usos e abordagens diversificados na sociedade. Com caráter dinâmico, a informação atua em função do desenvolvimento social, político, econômico, tecnológico e cultural. Por isso, as ações do sujeito são viabilizadas por conta do fluxo informacional, pois o registro da informação precede e procede a significações e interpretações múltiplas.

Os membros de uma sociedade trabalham com a informação de acordo com as suas vontades e as suas vivências. O sujeito moderno atento às novas tendências sociais possui novas posturas, desejos e necessidades em relação ao meio em que se encontra, para tanto, recorre a elementos informacionais do passado para a construção do “novo”.

Dessa forma, a informação registrada através de imagem - ou texto - na pele humana, ou seja, a tatuagem é presente neste trabalho que buscou apontar a importância da informação visual registrada no corpo, uma vez que a informação registrada sobre a pele do sujeito eterniza por tempo determinado uma informação de caráter social.

Perceber, então, o crescente interesse do sujeito em relação à tatuagem e também a sua aceitação e/ou permissibilidade em querer registrar sobre o seu corpo uma informação, permite inferir que o sujeito da sociedade moderna despertou para outras formas de se (re)apresentar frente ao meio em que se encontra.

Ademais, o tema estudado apresentou-se como relevante por tratar sobre a informação e suas articulações e o sujeito que é parte integrante e mobilizante de um sistema social. A tatuagem, que foi e ainda é estigmatizada, é o subsídio para a compreensão da construção de uma informação de caráter individual, mas com justificativas concretas e eloquentes sobre pensamentos, fatos e conjecturas da existência enquanto ser social.

A partir do momento em que uma informação é tatuada na pele do sujeito, surge o seguinte questionamento: como o sujeito tatuado percebe que os elementos informacionais registrados em seu corpo podem ter uma importância social?

Por conseguinte, o objetivo geral foi analisar a percepção do sujeito em relação às implicações informacionais enunciada(s) em sua(s) tatuagem(ens). Em relação aos objetivos específicos, elenca-se:

(i) a compreensão da tatuagem como objeto de estudo e como representação da informação e;

(ii) o motivo pelo qual o sujeito opta por registrar uma informação no corpo, observando a justificativa da representação visual e se houve consideração da escolha no local do corpo.

Assim, o estudo da informação é contínuo e amplo, pois, além de fomentar processos, a informação configura materialidade no quesito espaço-tempo, logo, é obrigatório o aprimoramento do estudo de acordo com as possíveis e reais aplicações da informação frente a uma sociedade dinâmica. Despertou, portanto, o interesse em compreender a informação que o sujeito permite registrar em sua pele a fim de representar uma vontade interior e mantê-la em uma unidade física singular e plural, o corpo.

2 INFORMAÇÃO E CONTEXTO – LINGUAGEM, IMAGEM E TATUAGEM

De fato, o que é a informação? Para a teoria da informação de Shannon e Weaver (1975, p. 9, grifo do autor), “a palavra *informação* é utilizada com um sentido especial, que de maneira alguma deverá ser confundido com o de seu uso generalizado. Especificamente, *informação*, não deve, por equívoco, ser compreendida com significado”.

O conceito de *informação* não se aplica a mensagens individuais, (como no caso do conceito de significado) porém, com agudeza muito maior, aplica-se à situação como um todo. A unidade de informação indica que, nesta situação, há liberdade de escolha na seleção da mensagem, conveniente em referência a um padrão ou a uma quantidade unitária. (SHANNON; WEAVER, 1975, p. 9, grifo do autor).

Para Logan (2012, p. 23) a teoria de Shannon e Weaver (1975) é “uma noção puramente matemática, totalmente desprovida de significado ou contexto”. Para Le Coadic (1996, p. 5), a informação é definida como “um conhecimento inscrito (gravado) sob a forma escrita (impressa ou numérica), oral ou audiovisual”.

Diante de estudos sobre o objeto informação e a sua multiplicidade de conceitos e definições para além dos mais diversos e variados usos, Logan (2012, p. 6) continua alertando para a falta de compreensão ainda existente sobre informação, acreditando não ser um conceito simples e direto e sempre usado de maneiras e contextos diferentes.

A propósito, Abraham Moles (1969) acredita que o contexto interfere nos processos de interação do homem com o mundo, ou seja, se o sujeito percebe uma mensagem, essa mensagem é composta por informação e, a depender do tempo que esse sujeito esteja exposto à mensagem, Moles (1969) atesta que se deve levar em consideração não só os

aspectos qualitativos, mas também os quantitativos da informação, além de trabalhar com a significação, o valor e a originalidade da mensagem.

Ciente das diversas aplicações da informação e com uso para fundamentar ações e orientações, Barreto (1994) conduz o entendimento da informação observando aspectos cognitivos e sociais que servem para a construção social a partir das relações com outros sujeitos de acordo com as estruturas biológicas, históricas e sociais:

A informação sintoniza o mundo. Como onda ou partícula, participa na evolução e da revolução da consciência do homem em direção à sua história. Como elemento organizador, a informação referencia o homem ao seu destino mesmo antes de seu nascimento, através de sua identidade genética, e durante a sua existência atua na competência em elaborar a informação para estabelecer a sua odisséia individual no espaço e no tempo. (BARRETO, 1994, p. 1)

De acordo com as diversas compreensões e possibilidades para o uso da informação, compartilhamos e acreditamos naquela que mais se aproximou do objetivo deste trabalho, a “Informação como um fenômeno humano e social, que deriva de um sujeito que conhece, pensa, se emociona e interage com o mundo sensível à sua volta e a comunidade de sujeitos que comunicam entre si” (SILVA, 2006, p. 24). Complementam-se a esse entendimento, os elementos caracterizadores da informação sugeridos pelo mesmo autor, Armando Malheiro da Silva (2006, p. 25, grifo do autor):

- estruturação pela acção (humana e social) – o acto individual e/ou coletivo funda e modela estruturalmente a informação;
- integração dinâmica – o acto informacional está implicado ou resulta sempre tanto das condições e circunstâncias internas, como das externas do sujeito da acção;
- pregnância – enunciação (máxima ou mínima) do sentido activo, ou seja, da acção fundadora e modeladora da informação;
- quantificação – a codificação linguística, numérica figurativa é valorável ou mensurável quantitativamente;
- reprodutividade – a informação é reprodutível sem limites, possibilitando a subsequente retenção/memorização; e
- transmissibilidade – a (re)produção informacional é potencialmente transmissível ou comunicável.

De posse do “fluido precioso, continuamente produzido e renovado, a informação só interessa se circula, e, sobretudo, se circula livremente” (LE COADIC, 1996 p. 27). Logo, para este trabalho a informação é variável, circulante e não estática, apresentando-se em diversos suportes, encontrando-se por toda a parte e totalmente mutável de significado e de comportamento diante de um novo contexto ou de um sujeito que está a todo o momento

envolto de informação e considera, mesmo sem perceber, cada informação recebida de acordo com a sua carga cultural, cognitiva e subjetiva.

Tem-se que a informação é transmitida para o nosso semelhante ou para o próprio sujeito através da linguagem. Essa transmissão pode ser de modo verbal ou não. O sujeito faz uso da linguagem com a intenção de comunicar algo a alguém ou ainda no intuito de preservar a mensagem contida em seu estoque mental para evitar o esquecimento. Para tanto, o objetivo da linguagem para Archela (1999, p. 9) “é a comunicação da informação”.

Portanto, qualifica-se a linguagem como um sistema simbólico, ao instante que o sujeito ensina, aprende, apreende, dialoga, interage e registra suas intenções cognitivas. “Símbolos e regras de organização exercem, com efeito, a mesma função: uns e outros contribuem para definir um repertório. Um símbolo é um modo de agrupamento constante dos elementos, conhecido a priori” (MOLES, 1969, p. 98, grifo do autor).

Do mesmo modo, a elaboração de um discurso, uma ideia ou um desenho tende a representar a associação lógica da informação acerca de um assunto específico. Visto que a representação é possibilitada através da linguagem, pois as variações informacionais de um fato são originárias de uma mesma fonte, entretanto, a modificação relacionada a tal fato é decorrente do “eu” de cada sujeito.

Gonçalves, Oliveira e Neves (2016, p. 115) asseveram que “representar é algo inerente ao ser humano, considerando que a representação é a base do pensamento”. Cada sujeito, de acordo com a sua capacidade cognitiva, recebe informação, interpreta e ressignifica em função da sua carga cultural e reapresentam os fatos e aprendizados para o outro com o intuito de informar e produzir novos conhecimentos.

Por certo, ao se comunicar com o próximo, o sujeito se utiliza da oralidade de uma língua para expressar ou não os seus intentos e que, desde os tempos mais remotos, houve sempre uma preocupação em registrar mensagens, a escrita é, “[...] em sua essência – desde as mais elementares garatujas até os mais bem elaborados desenhos das cavernas –, tão antiga quanto o homem. Manifestação de linguagem semiótica, a escrita não nasceu do homem, mas fez nascer o homem” (RAMOS, 2001, p. 55).

O uso da escrita torna-se assim um dispositivo para recorrer ao passado por meio do que foi registrado com vistas a elucidar a cultura dos povos, a história da nações e ainda servir de fonte documental para as mais diversas e atuais ações humanas, pois, como afirma Certeau (1998) a escrita é o progresso, e assim, o autor questiona e responde o que seria

escrever, “designo por escritura a atividade concreta que consiste, sobre um espaço próprio, a página, em construir um texto que tem poder sobre a exterioridade da qual foi previamente isolado”(CERTEAU, 1998, p. 225). Entende-se por exterioridade o sujeito ou a sociedade como um todo, que foi ou é atingido potencialmente pelo que foi escrito.

Ribeiro (2005, p. 2) faz uma breve reflexão da escrita relacionada à memória:

A invenção da escrita veio permitir registrar num suporte exterior à mente e à voz humanas a informação que o Homem produzia desde que começou a existir e a comunicar. Este registo ocorre, pode-se dizer, de forma espontânea, apenas porque a informação tem um uso recorrente e a memorização em suporte exterior ao ser humano, seu produtor, constitui uma garantia mais eficaz da sua perdurabilidade e potência um uso repetido e dilatado no tempo.

Passemos para o entendimento de que o registro é a ação de apor uma informação em um suporte qualquer para manter salvo aquilo que se considera importante. O registro por meio de uma fotografia foi o formato escolhido de transferir para o suporte o que foi pensado. Seguindo esse raciocínio, a tatuagem é informação manifestada por meio de uma imagem tendo como suporte a pele do sujeito. Assim, o sujeito se importou de registrar o que estava mentalizado a fim de evitar o esquecimento, Ramos (2001, p. 56) complementa:

É, assim, com o aparecimento da escrita que documentamos as primeiras manifestações do espaço e do tempo cultural. Compreender uma cultura significa seguir e respeitar sua escrita, sua rede de signos, cujo suportes são suas próprias construções: sua arquitetura, seus monumentos, seus utensílios, seus adornos, suas vestes, seu corpo.

Como a linguagem é estabelecida por um modo verbal e não verbal, afirma-se que ela é onipresente, pois, enquanto sociedade, estamos rodeados o tempo todo por informação advinda de imagem e percebida através da nossa visão.

A imagem como um meio de comunicação entre os sujeitos e portadora de elementos informacionais, “se define como um objeto produzido pela mão do homem, em um determinado dispositivo, e sempre para transmitir a seu espectador, sob forma simbolizada, um discurso sobre o mundo real” (AUMONT, 2009, p. 260).

As imagens fazem do mundo um relato inesgotável, ao mesmo tempo sempre idêntico e sempre renovado elas introduzem o inteligível ou o olhar lá onde reina a incoerência ou o invisível. A ampliação que elas operam no fluxo do real, ou nos entrelaçamentos das coisas, frequentemente deforma seu conteúdo, mas elas oferecem essas realidades de outra maneira inapreensíveis em sua espessura e em sua complexidade, uma imagem que

permite começar a compreendê-las, a aproximar-se mais delas (LE BRETON, 2016, p. 242).

Dessa forma, a imagem visa representar para externar simbolicamente aquilo que desperta o desejo e se encontra no interior do sujeito, ou mais uma alternativa de representar a exterioridade observada e presente na sociedade. Assim, a imagem, por vezes, é uma trama de relações codificadas a serem reveladas e sempre com repetidas ou novas abordagens.

É a partir dessa trama de relações simbólicas presente na sociedade que Rodriguez e Carreiro (2014, p. 751), analisam a definição de tatuagem como a marca ou representação das lembranças vividas eternizadas na pele:

A tatuagem, marca feita a 'agulha e tinta', se prende à carne viva, a desenha, modifica e redesenha, registrando e reatualizando sentimentos e situações importantes para aqueles que se fazem tatuar. Representam lembranças, homenagens, eventos importantes, mudanças de etapa na vida. São datas, símbolos, retratos, com função explicitamente memorial e identitária. Frente às rápidas mudanças com que cada um se depara todos os dias na vida, a tatuagem parece funcionar como algo regular que permanece, como um depósito de memórias ou características próprias que se desejam manter, dar corpo, tornar 'real'.

Já Peres (2015, p. 6) concorda que a tatuagem seja social e pode ser considerada uma “simples comunicação cotidiana, à uma prática especializada. Ao final, sempre quer dizer alguma coisa. E se torna uma espécie de evocação, uma comunicação que depende do simbolismo e extravasa sua intencionalidade quando é compartilhada”.

Nos estudos de Assumpção e Lopez (2013, p. 3), a realização das interpretações da imagem “se dão pelo uso da linguagem, falada e escrita (uso de signos)”. É compreendido então que a leitura de uma tatuagem é também um processo de decodificação, principalmente quando há comunicação.

Depreende-se então que são os contextos que promovem a articulação da tatuagem. O tempo, o espaço e as pessoas são essenciais para um movimento ou transformação, por vezes transitórios, de conceitos e preconceitos acerca dos acontecimentos e comportamentos dos sujeitos envolvidos em determinado local. A construção do imaginário e, por consequência, de uma imagem sofre influência do ser exterior.

Para Peres (2015, p. 4), as novas concordâncias da tatuagem estão relacionadas ao seu desenvolvimento na sociedade, “sua evolução histórica é uma montanha russa de

rechaços e aceitações, sendo considerado desde um símbolo de má categoria até um emblema de status, um simples ornamento até um símbolo de exotismo e rebeldia”. Consequentemente, é consenso entre autores como Rodriguez e Carreteiro (2014) e Peres (2015) que a tatuagem, desde o seu surgimento, passou a ser mais presente na sociedade, adquirindo novos significados e simbologias. Logo, eles mesmos observam a consolidação da tatuagem na sociedade.

Da mesma forma, observa-se que diversos são os sentidos atribuídos às tatuagens e “nem todas as pessoas apresentam uma clareza quanto à motivação e o que desejam representar” e “há uma busca pela realidade corpórea dos acontecimentos. [...]. Para algumas pessoas, as tatuagens se tornaram recursos mnemônicos e busca de elaboração” (RODRIGUEZ; CARRETEIRO, 2014, p. 753).

Com isso, a tatuagem é por si um conjunto de informação elaborada e organizada para retratar de modo sensível a forma que o sujeito sente e enxerga o seu mundo exterior em conformidade ou conflito com o seu mundo interior. Dessa forma, o sujeito tatuado tem uma memória viva e circulante registrada em pele enquanto ser vivo e com possibilidades de preservação após a morte do corpo físico.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A presente pesquisa tem uma abordagem qualitativa, pois é “uma tentativa de se explicar em profundidade o significado e as características do resultado das informações obtidas através de entrevistas ou questões abertas, sem a mensuração quantitativa de características ou comportamento” (OLIVEIRA, 2016, p. 59).

Em relação ao objetivo, a pesquisa foi classificada como descritiva. Ciente da sua abrangência, esse tipo de pesquisa permite “uma análise do problema de pesquisa em relação aos aspectos sociais, econômicos, políticos, percepções de diferentes grupos, comunidades, entre outros aspectos” (OLIVEIRA, 2016, p. 68).

Quanto à pesquisa bibliográfica, como um procedimento técnico ela fornece todo o embasamento teórico para articulação do pensamento e construção da escrita.

No que diz respeito à coleta de dados, o instrumento escolhido foi a entrevista, uma vez que permite e possibilita conhecer o que as pessoas pensam sobre determinado fato, acreditam ou desejam. De tal modo, amplia-se a base argumentativa e narrativa do entrevistador – seja de forma positiva ou negativa – para discorrer sobre o objeto de

questionamentos. Assim, Demo (2001, p. 31) sinaliza para a preocupação com a realidade que a entrevista proporciona.

A entrevista se justifica nesta dissertação por estabelecer uma relação entre entrevistador/pesquisador e entrevistados/pesquisados, visto que é uma técnica de comunicação. Para González Rey (2010, p. 13):

A comunicação é uma via privilegiada para conhecer as configurações e os processos de sentido subjetivo que caracterizam os sujeitos individuais e que permitem conhecer o modo como as diversas condições objetivas da vida social afetam o homem. Por intermédio da comunicação, não conhecemos apenas os diferentes processos simbólicos organizados e recriados nesse processo, estamos tentando conhecer outro nível diferenciado da produção social, acessível ao conhecimento somente por meio do estudo diferenciado dos sujeitos que compartilham um evento ou uma condição social.

Nesse sentido, a entrevista é semiestruturada a fim de dar mais liberdade ao entrevistado, logo, deixá-lo mais à vontade para discorrer acerca dos questionamentos e também para elucidá-los em caso de dúvidas, sem induzi-los a nenhuma resposta de interesse.

Cabe ainda ressaltar que o indivíduo neste trabalho é sempre tratado como sujeito, pois, conforme Pêcheux e Fuchs (1997), o indivíduo está constantemente interpelado pela sociedade e suas estruturas ideológicas.

No que concerne à Análise do Discurso (AD), esta foi aplicada para avaliar e compreender os dados levantados com a entrevista. É sabido que AD permite fazer inferências sem condenar ou concordar com o que está escrito, mas em apresentar os sentidos do texto através de um processo discursivo com o uso da língua. Foi utilizado a AD da linha francesa desenvolvida por Michel Pêcheux, visto que ele é embasado pelas teorias de Althusser, onde este observa o sujeito imbuído de ideologia a partir do contexto histórico e social. Amplia-se a compreensão por meio do próprio Pêcheux e Fuchs (1997, p. 167):

Logo a 'ideologia' interpela os indivíduos em sujeitos: esta lei constitutiva da Ideologia nunca se realiza em 'geral', mas sempre através de um conjunto complexo determinado de formações ideológicas que desempenham no interior deste conjunto, em cada fase histórica da luta de classes, um papel necessariamente desigual na reprodução e na transformação das relações de produção, e isto, em razão de suas características 'regionais' (o Direito, a Moral, o Conhecimento, Deus, etc...) e, ao mesmo tempo, de suas características de classe. Por esta dupla razão, as formações discursivas intervêm nas formações ideológicas enquanto]]8 componentes.

Desse modo, o sujeito é ideológico sem perceber e assim a construção do texto se dá a partir do modo em que se compreende a sociedade. Por ideologia, tomemos o que Althusser (1980, p. 69) nos assegura “ser o sistema das ideias, das representações, que domina o espírito de um homem ou de um grupo social”.

Assim, pesquisar na sociedade é se relacionar com aqueles que compõem a nossa realidade, ou seja, pessoas. Pessoas que pensam, articulam, compreendem, interpretam, constroem, compartilham e comunicam a mesma informação de modo igual ou diferenciado.

3.1 Resultados

Uma vez que o discurso fornecido em cada uma das respostas adquirida por meio da entrevista aponta para o sujeito que pensa e articula o seu estar no mundo com questões sociais, compreende-se Sahlins (1997, p. 41) sobre “as pessoas, relações e coisas que povoam a existência humanas manifestam-se essencialmente como valores e significados – significados que não podem ser determinados a partir de propriedades biológicas ou físicas”.

Por isso, a tatuagem é descrita como uma forma de expressão, uma vez que evidencia a intenção pessoal em registrar uma informação seja para se auto afirmar, mostrar uma inquietação através de uma provocação social, um pensamento e servir de autoestima. Do mesmo modo, o registro sobre a pele quando visualizado direciona o outro para uma informação que suscita inferências sobre a personalidade, as crenças, os costumes, o pertencimento de grupo e classe social do sujeito tatuado. Entretanto, é apenas uma informação inicial, uma referência para um conhecimento externo e se permitido um conhecimento de si mesmo. Reforça-se que a tatuagem não se apresenta no corpo de ninguém de modo involuntário e sim deliberado.

Acrescenta-se também que as tatuagens são todas articuladas e justificadas com a experiência, o viver e o ser de cada um. Mesmo com motivos concretos para se tatuar, há uma preocupação em relação à informação a ser registrada e possivelmente exposta. Há registro em pele pensada para questionar a si mesmo enquanto indivíduo, com vistas a reduzir preconceitos sociais, para lembrar fatos da vida e também para homenagear.

Além disso, é por meio do corpo que nos apresentamos ao outro e assim, somos interpelados pelo que veem em nós. Como resultado, ter uma tatuagem vai além de

motivações, representações e significações, uma vez que os entrevistados demonstraram ter conhecimento sobre o preconceito existente em torno da tatuagem. Afinal, analisar em qual parte do corpo apor uma informação, muitas vezes, é com a intenção de, em uma determinada circunstância, poder esconder a tatuagem com alguma roupa ou adereço. Saber que há uma visibilidade negativa a respeito da tatuagem é saber que podem vir a sofrer sanções sociais, sobretudo no âmbito profissional. Com isso, existe uma preocupação inicial no momento em que se pensa em fazer uma tatuagem, pois é a expectativa do passado e presente conflitarem com um futuro que cause resultados negativos.

Inegavelmente, muitos consideram e reproduzem a tatuagem como uma arte, o lamento é justamente por ela não ser livre de julgamentos inferiores, porque esconder uma tatuagem é ocultar uma informação de uma prática milenar e consagrada na sociedade, pois ao mesmo tempo em que incomoda, também agrada.

Cabe recordar que o tempo de exposição de um sujeito qualquer frente a uma tatuagem é imprescindível e crucial para uma melhor compreensão da informação acerca da imagem observada. Um menor tempo de exposição compromete toda a carga informacional que o sujeito apresenta dele próprio e da tatuagem, ainda mais que os entrevistados acreditam que a tatuagem causa impacto em outro sujeito.

De acordo com algumas respostas analisadas, a tatuagem pode sim interferir no processo de comunicação. A interferência ocorre quando a percepção de uma tatuagem promove um significado diferente do registrado em pele. Mas há uma ressalva a se fazer quanto à rotulação de um significado único de todas as pessoas para uma imagem, o significado apreendido por um sujeito pode se aproximar de outro significado, entretanto, o significado único continua existindo para quem registrou tal informação sobre a pele.

Do mesmo modo, a tatuagem é uma ação individual que reflete em muitas esferas sociais, pois, ao atingir o outro, demonstra-se o efeito da informação em alterar estados. Como não existe comunicação sem informação, o impacto da tatuagem pode suscitar o sujeito a ir além do que foi visto e talvez explicado. É um processo complexo, pois a parte negativa que existe ao redor da tatuagem tem-se diminuído, mas não esquecido.

Tatuagem é expressão de sentimento sincero, informação pura e verdadeira. Não é desprovida de sentido, é um conjunto de informação construída para uma satisfação ora pessoal, ora social. Logo, acreditar ser irrelevante na sociedade é desqualificar a tatuagem

como uma arte e diminuir todo o seu histórico cultural diante das civilizações que utilizaram e utilizam como artifício para alcançar uma finalidade, um ritual ou uma consumação.

Considerando a tatuagem um objeto de informação delineado por perspectivas sociais, tem-se a tatuagem também como uma ação de informação, pois, para González de Gómez (2000, p. 4) a informação possui estratos que se articulam:

‘Informação’ designa um fenômeno, processo ou construção vinculado a diversas ‘camadas’ ou ‘estratos’ de realização. Formam parte desses estratos a linguagem, com seus níveis sintáticos, semânticos e pragmáticos e suas plurais formas de expressão – sonoras, imagéticas, textuais, digitais/analógicas-; os sistemas sociais de inscrição de significados – a imprensa e o papel, os meios audiovisuais, o *software* e o *hardware*, as infraestruturas das redes de comunicação remota; os sujeitos e organizações que geram e usam informações em suas práticas e interações comunicativas.

Como resultado, a ação de informação permite o uso da comunicação para a geração de sentido e a reconstrução de novos sentidos por parte de sujeitos sociais em um dado contexto, isso é permitido pela posição de informar e de buscar informação, considerando que os estratos podem ser reorganizados para alcançar determinada finalidade.

Desse modo, todos os enunciados fornecidos pelos entrevistados fez compreender que a língua é uma construção histórica e o sentido de um texto é coerente por ter informação articulada com outras informações contextualizadas com a história, cultura e a sociedade. Entende-se, então, que a exterioridade é predominante na linguagem e afeta o sujeito na construção de novas práticas e saberes a partir da informação adquirida e veiculada. Para Brasil (2011, p. 176) o discurso do sujeito é histórico e simbólico:

O discurso é a história na língua. Temos então a tríade língua, sujeito e história na constituição de discurso. Por tratar-se de uma materialidade linguística e histórica, o discurso é o observatório das relações entre língua e ideologia. O discurso é material simbólico, é janela para o estudo do funcionamento dos mecanismos de produção de sentidos, é confronto do simbólico com a ideologia.

São muitos sujeitos em conformidade e em oposição a outros sujeitos em um espaço social com diversas situações e implicações, criando e recriando informações que ocasionam significados próprios e únicos, mas ao mesmo tempo sugerem e dão margem a novas significações e ressignificações. É nesse ambiente de troca de informação que Ribeiro e Francelin (2016) apoiados em teóricos da CI asseveram: “o paradigma social, por fim, [...]

defende que o processo de troca de informação só ocorre no interior de âmbitos discursivos, culturais e pragmáticos, ou seja, é o arranjo social o terreno sobre o qual subsistem”.

É dentro desse amplo espaço social que a informação circula e permite a construção de uma tatuagem. Assim, compete a Souza [2014?] afirmar que “todo texto vem do social e a ele deve voltar”, por isso Barreto (2014) aborda a variedade de tipologia que a informação possui, sendo a narrativa “um conjunto de expressões inscritas em uma base na multiplicidade de configurações de uma língua. Constitui um todo unificado passível de ser distribuído por um canal de transferência”.

Desta maneira, foi preciso entender a tatuagem como objeto de estudo e representação da informação, pois se percebe que a mensagem construída com informação não oralizada e totalmente visual é um conjunto de informação imbricada na construção de um sentido único, pessoal e intransferível de suporte, porque reproduzindo a mesma tatuagem em outro corpo, os traços possivelmente não serão os mesmos. Com a sutileza de Barreto (2001), pensemos:

Quando vivo minha vida pensante, que é o local onde projeto a criação da informação, antes de codificá-la, isto acontece na minha mais recôndita privacidade. Esta é a solidão fundamental de todos aqueles que criam uma informação. Pois é através da informação produzida, com a ajuda de um sistema de signos, que o homem procura relatar sua experiência vivenciada para outras pessoas; disseminar a outros a experiência que foi experimentada só por ele; pois aconteceu no âmago da sua condição subjetiva de privacidade e que, por força de sua vontade, vais deslocar-se para a esfera pública de uma significação, que se deseja, seja coletiva.

Evidenciou-se também que a AD de fato não produz generalizações, tudo é relativo de acordo com as circunstâncias de cada sujeito. Os motivos apresentados por todos os entrevistados conformam o que Pêcheux indica para o indivíduo que é interpelado por fatos sociais e constroem o seu discurso através da ideologia, do contexto histórico e social em que vivem. A partir dos enunciados foram levantados temas que sempre estiveram interligados à tatuagem, independente da informação que possuía.

Os sujeitos entrevistados percebem que os elementos informacionais registrados em seus corpos possuem uma importância social. Mesmo aqueles que não consideraram ter uma importância para os dias atuais, destacaram sempre um recorte para o passado, o que demonstra que os discursos de outrora se mantêm estabelecidos no momento atual e ainda importa para fortalecer um discurso de uma prática individual e social.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Mediante o exposto acerca da informação e a sua representação imagética através da tatuagem, buscou-se investigar a percepção que os sujeitos tatuados têm a partir das enunciações das suas tatuagens. Para tanto, as inferências podem e devem ser feitas com vistas a ampliar o estudo da informação como objeto, principalmente por termos em consciência que sempre foi do homem querer registrar as suas memórias, sentimentos, inquietações ou qualquer das vontades humanas.

É preciso também aprofundar o estudo da entropia ou da improbabilidade da comunicação para considerar o não entendimento de uma imagem através da tatuagem por um sujeito. As tatuagens são codificadas com o intuito de não transmitir uma informação clara e objetiva, ou, são as possibilidades da estética que permitem manter o significado primeiro e único da informação e, por conseguinte as múltiplas interpretações? Seria complexo compreender uma informação através de uma tatuagem?

Nesse sentido, mais desdobramentos são possíveis, uma vez que a informação registrada na pele pode ainda ser explorada com vistas ao estudo da memória, do esquecimento e da cognição, sendo necessário sempre um estudo descritivo para compreensão do fenômeno. Salienta-se a existência de museus ao redor do mundo que já possui em seus acervos fragmentos de pele tatuada.

Outro aspecto que suscitou curiosidade e pode ser aprofundado e relacionado aos estudos da Ciência da Informação são as fontes de informação utilizadas pelos tatuadores, pois por ser o cliente a fonte primária ele é o sujeito que informa a tatuagem que deseja, entretanto, informado que deseja uma tatuagem referente à década de 1960, quais outras informações o tatuador precisa saber para a criação da arte? Quais recursos informacionais são utilizados o tatuador utiliza? Logo, o estudo da informação a partir da tatuagem foi importante, pois por ser uma prática milenar faz parte da sociedade e tem relação direta com as propriedades intelectuais do sujeito que pensa, seja ele o tatuado ou o tatuador.

Inclusive, fazendo uma analogia às fases do arquivo e de um sujeito que pensa em se tatuar, temos que: tudo que está sendo vivido por qualquer sujeito é corrente; momento de reflexão para as atitudes a serem tomadas a fim de avaliar a eliminação ou a preservação de acontecimentos da vida é intermediário; e tudo aquilo que se deseja preservar da vida em qualquer suporte, mesmo que por tempo determinado pelas condições naturais e/ou biológicas é permanente, principalmente quando faz sentido ao sujeito que preserva.

De fato, a tatuagem é informação de cunho íntimo e pessoal e é considerada temporal. Para tanto, é preciso despertar para a preservação daquela informação, uma vez que sendo o registro em um simples mortal possa não haver tamanha importância social, mas sendo de uma personalidade provavelmente a importância será outra. Arriscamos a provocar: se uma pessoa ilustre, reconhecida nacional e internacionalmente, a exemplo de Jorge Amado, José Saramago ou Pablo Neruda, possuísse em seu corpo uma tatuagem e se, só houvesse um registro fotográfico muito superficial e sem os devidos esclarecimentos sobre aquela tatuagem? Deixamos como reflexão para você leitor.

Internaliza-se também que a informação tatuada não surge de modo independente. É motivada pela vontade humana, elaborada com finalidade específica e sintetizada para traduzir e transmitir algo, logo, comporta sentido. O ato de tatuar decorre de uma prática profissional aceita socialmente e com um valor monetário agregado ao tipo de tatuagem. Mesmo assim, o preconceito com a tatuagem ainda é presente. É urgente reduzir a distância que promove o preconceito entre gerações e respeitar as escolhas do outro. Não se pode condenar as manifestações pessoais e o uso do corpo como recurso social. É primordial internalizar o contexto (tempo/espaço) de cada sujeito em função das ações realizadas e assim aceitar as diversas formas de representação da informação.

Por fim, o sujeito que produz e registra uma informação em um documento de arquivo, também escreve um livro classificado em uma biblioteca, cria uma escultura de argila exposta em um museu e grava sua voz em um CD ou arquivo de Mp3 é um sujeito envolto em uma ação de informação. Assim, concorda-se que uma informação registrada em uma tela humana, a pele, é também uma ação de informação e deve ser considerada como uma alternativa de estudo e ampliação do objeto informação para além de outras práticas provindas do sujeito cognoscente.

XX ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO – ENANCIB 2019
21 a 25 de outubro de 2019 – Florianópolis – SC

REFERÊNCIAS

ALTHUSSER, Louis. **Ideologia e aparelhos ideológicos do Estado**. Lisboa: Editorial Presença; Martins Fontes, 1980. Disponível em:

<https://politica210.files.wordpress.com/2014/11/althusser-louis-ideologia-e-aparelhosideolc3b3gicos-do-estado.pdf>. Acesso em: 12 nov. 2016.

ASSUMPÇÃO, Luis Carlos Flôres de; LOPEZ, André Porto Ancona. Registros imagéticos: a interpretação da informação sob o aspecto cognitivo. **Comunicação & Informação**, Goiânia, v. 16, n. 2, p. 87-106, jul./dez. 2013. Disponível em:

<https://www.revistas.ufg.br/ci/article/view/28035>. Acesso em: 12 nov. 2016.

ARCHELA, Rosely Sampaio. Imagem e representação gráfica. **Revista Geografia**, Londrina, PR, v. 8, n. 1, p. 5-11, jan./jun. 1999. Disponível em:

<http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/geografia/article/view/10198>. Acesso em: 8 nov. 2016.

AUMONT, Jacques. **A imagem**. Campinas: Papyrus, 2009.

BARRETO, Aldo de Albuquerque. A questão da informação. **Revista São Paulo em Perspectiva**, São Paulo, v. 8, n. 4, 1994. Disponível em:

<http://bogliolo.eci.ufmg.br/downloads/BARRETO%20A%20Questao%20da%20Informacao.pdf>. Acesso em: 8 jan. 2017.

BARRETO, Aldo de Albuquerque. A informação em seus momentos de passagem.

DataGramZero, Rio de Janeiro, v. 2, n. 4, 2001. Disponível em:

<http://www.brapci.ufpr.br/brapci/v/a/7826>. Acesso em: 7 set. 2017.

BARRETO, Aldo de Albuquerque. Os imateriais simbolicamente significantes. **Aldobarreto's blog**, [s. l.], set. 2014. Disponível em: <https://aldobarreto.wordpress.com/2014/09/26/os-imateriais-simbolicamente-significantes/>. Acesso em: 8 jan. 2017.

BRASIL, Luciana Leão. Michel Pêcheux e a teoria da Análise de Discurso: desdobramentos importantes para a compreensão de uma tipologia discursiva. **Linguagem – estudos e pesquisas**, Catalão, GO, v. 15, n. 1, p. 171-182, jan./jun. 2011. Disponível em:

<https://revistas.ufg.br/lep/article/viewFile/32465/17293>. Acesso em: 22 jul. 2017.

CERTEAU, Michel de. A economia escriturística. In: CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: artes de fazer**. 3. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

DEMO, Pedro. **Pesquisa e informação qualitativa**. Campinas, SP: Papyrus, 2001.

GONÇALVES, Eveline Filgueiras; OLIVEIRA, Rafael Alves de; NEVES, Dulce Amélia de Brito.

Análise da informação imagética: uma abordagem sob a perspectiva cognitiva. **Em Questão**, v. 22, n. 3, p. 110-135, set./dez. 2016. Disponível em:

<http://seer.ufrgs.br/index.php/EmQuestao/article/view/59905>. Acesso em: 8 nov. 2016.

XX ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO – ENANCIB 2019
21 a 25 de outubro de 2019 – Florianópolis – SC

GONZÁLEZ DE GÓMEZ, Maria Nélide. Metodologia de pesquisa no campo da Ciência da Informação. **Datagramazero**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 6, dez. 2000. Disponível em: <http://basessibi.c3sl.ufpr.br/brapci/v/a/1224>. Acesso em: 12 ago. 2017.

GONZÁLEZ REY, Fernando. **Pesquisa Qualitativa e Subjetividade**: os processos de construção da informação. São Paulo: Cengage Learning, 2010.

LE BRETON, David. **Antropologia do corpo**. 4. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2016.

LE COADIC, Yves-François. **A ciência da informação**. Tradução Maria Yeda F. S. Filgueiras Gomes. Brasília: Briquet de Lemos, 1996.

LOGAN, Robert K. **Que é informação?** a propagação da organização na biosfera, na simbolosfera, na tecnosfera e na econosfera. Tradução Adriana Braga. Rio de Janeiro: Contraponto: PUC-Rio, 2012.

MOLES, Abraham. **Teoria da informação e percepção estética**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1969.

OLIVEIRA, Maria Marly de. **Como fazer pesquisa qualitativa**. 7. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2016.

PÊCHEUX, Michel; FUCHS, Catherine. A propósito da análise automática do discurso: atualização e perspectivas. In: GADET, Françoise; HAK, Tony. (Org.). **Por uma análise automática do discurso**: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. Campinas, SP: Unicamp, 1997.

PERES, Rafaella Lopes Pereira. Etimologia e semântica da palavra tatuagem. **Ruta**, Barcelona, ESP, n. 6, 2015. Disponível em: https://ddd.uab.cat/pub/ruta/ruta_a2015n6/ruta_a2015n6a3.pdf. Acesso em: 7 jun. 2017.

RAMOS, Célia Maria Antonacci. **Teorias da Tatuagem**: corpo tatuado: uma análise da loja Stoop Tattoo da Pedra. Florianópolis: Ed. UDESC, 2001.

RIBEIRO, Duanne de Oliveira; FRANCELIN, Marivalde Moacir. O que a sobrecarga de informação produz: relações entre o fenômeno e alguns desenvolvimentos da ciência da informação. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 27., 2016, Salvador. **Anais eletrônicos...** Brasília: IBICT, 2016. Disponível em: <http://www.ufpb.br/evento/liti/ocs/index.php/enancib2016/enancib2016/paper/view/3748>. Acesso em: 3 fev. 2017.

RIBEIRO, Fernanda. Gestão da informação: preservação da memória na era pós-custodial: um equilíbrio precário? In: CONSERVAR PARA QUE? Mesa-redonda de primavera, 8., Porto. **Anais eletrônicos...** Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2005. Disponível em: <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/artigo8861.PDF>. Acesso em: 20 maio 2017.

XX ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO – ENANCIB 2019
21 a 25 de outubro de 2019 – Florianópolis – SC

RODRIGUEZ, Luciana da Silva; CARRETEIRO, Teresa Cristina Othenio Cordeiro. Olhares sobre o corpo na atualidade: tatuagem, visibilidade e experiência tátil. **Psicologia Social**, Belo Horizonte, v. 26, n. 3, p. 746-755, set./dez. 2014. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-71822014000300023&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 20 fev. 2017.

SAHLINS, Marshall. O “pessimismo sentimental” e a experiência etnográfica: por que a cultura não é um “objeto” em via de extinção (parte I). **Mana**, Rio de Janeiro, v. 3, n. 1, p. 41-73, 1997. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-93131997000100002. Acesso em: 23 jan. 2016.

SHANNON, Claude E.; WEAVER, Warren. **A teoria matemática a comunicação**. São Paulo: DIFEL, 1975.

SILVA, Armando Malheiro da. **A Informação: da compreensão do fenómeno e construção do objecto científico**. Porto: Ed. Afrontamento, 2006.

SOUZA, Sérgio Augusto Freire de. **Análise de Discurso**: roteiro sugerido para a elaboração de trabalho de análise. [s. l.], [2014?]. Disponível em: <http://www.sergiofreire.pro.br/ad/ADRoteirodeAnalise.pdf>. Acesso em: 23 jul. 2017.